

Público

11-03-2013

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 51453

Temática: Política

Dimensão: 566

Imagem: S/PB

Página (s): 44

Vencer a tristeza

António Correia de Campos
Terra e Lua

O Português médio não identifica no Governo ninguém que o ajude, pelo contrário

A manifestação popular de 2 de Março confirmou a tristeza dos portugueses. Não a idiossincrática, mas a conjuntural. Para todos os observadores foi reconhecido o sofrimento pelo desemprego, por novos e brutais cortes em ordenados e pensões, pela crescente dependência de filhos e netos, pela escassez de crédito para pequenas e médias empresas, pela paragem dos negócios. Não se vislumbra ajuda externa, a União Europeia reduz o seu orçamento, regateando apoios de coesão. O seu delegado na Rua da Alfândega rejeita, com a sobrançeria do esfomeado, qualquer adiamento extraordinário do ajustamento. As empresas monopolistas vendidas a estrangeiros pouco investimento novo trouxeram, não reduzem tarifas e continuam a retribuir regamente os seus feitores. O português médio não identifica no Governo ninguém que o ajude, pelo contrário, assiste a uma competição pela rudeza e braveza dos cortes. Deixou de ter a ambição de ver em Belém um amigo, apenas tem um gestor de silêncios. Não identifica ainda, no meio das brumas de Março, quem o possa guiar para sair do nevoeiro da desgraça.

Sabemos que, quando se destrói, é necessário, cedo ou tarde, reconstruir. Será necessário alisar o terreno, cavar novas fundações, erguer pilares, interligá-los. O Governo não destruiu apenas, foi mais longe, salgou a terra, como disse Pacheco Pereira, para que nela nem uma erva crescesse durante gerações. Lançar sementes a chão salgado é trabalho perdido, até que a chuva, o vento e o tempo diluam o sal e revigorem o húmus. Construir um novo modelo de governação exige paciência para ligar caboucos, colunas e vigas; exige a sabedoria do artesão que deseja mais que uma ruína revestida por um toldo com a fachada vistosa de um novo edifício ainda inexistente. Exige esforço e perseverança. Nada cai do Céu, apenas a chuva, a neve e o granizo.

É por isso que a natural alternativa de governo, centrada sobre o PS, não pode nem deve precipitar acontecimentos. Tem de remover ruínas, cavar até onde o sal chegou e alisar a terra, para que surja nova vegetação. Impõe-se preparar

metodicamente o edifício que devolva a coragem aos empresários, a dignidade aos funcionários, a esperança aos humildes, a alegria aos que animam a vida. Coragem, dignidade, esperança, alegria, em vez de cupidez, subserviência, fatalismo e cinismo. Dir-me-ão que são receitas de um idealismo não substanciado. Responderei que basta fazer o contrário do que o Governo praticou, dando prioridade à vida, à actividade, ao crescimento, à criatividade, à inovação, à mobilização, em vez de ao olhar míope sobre que mais cortar, que gorduras atacar, que reformas "milionárias" confiscar, que virtuais rendimentos



Mais do que preparar a queda fatal, inevitável mas adiável do Governo, deve-se construir a alternativa, não a confiando a outros



expropriar. Não se vira a realidade por milagre, com um clic, mas gera-se energia com o ânimo, o apelo ao esforço para a "junção do bem", vencendo omissões provocadas, inércias aconselhadas e invejas alimentadas pela injustiça.

Dentro de seis meses serão lidos os primeiros sinais de fogo. Pelo poder central, quando verificar a quebra de confiança indirecta nos seus candidatos autárquicos. Não mais que isso, primeiros sinais. Depois, teremos



as eleições europeias, onde será possível transformar em escolha útil o opróbio à nossa pequenez, causado por uma maioria de direita europeia, e seus encartolados intendentes, na Comissão e no Conselho.

Não interessa saber se este Governo nado-moribundo, sustentado a benzeduras, conselhos envergonhados e remosques de catequista, vai durar muito ou pouco. Até será bom que não caia ao primeiro abanão. A terra ainda está salgada e as ruínas por limpar. Mais do que preparar a sua queda fatal, inevitável mas adiável, deve-se construir a alternativa, não a confiando a

outros. Juntar esforços, reunir contributos, esconjurar fantasmas, admitir erros, ouvir as novas vítimas sem adquirir espírito de vingança, concitar forças inorgânicas. Preparar e debater projectos, coligir dados, construir novos modelos sem promessas incumpríveis. Ganhar respeito. E só depois então, demonstrado que se pode reconstruir, moldar a esperança, insuflar ânimos esgotados, congregar os restos do amor-próprio ferido. É esse o caminho.

Deputado do PS ao Parlamento Europeu. Escreve à segunda-feira

O bode expiatório

Todas as sociedades tiveram o seu bode expiatório. O dia da expiação era um ritual para purificação da nação de Israel. Para a cerimónia, eram levados dois bodes, um deles era sacrificado e o outro, o bode expiatório, era tocado na cabeça, pelo sacerdote, que confessava os pecados dos israelitas e o enviava para o deserto, onde todos os pecados eram aniquilados.

Para a direita nacional e sobretudo para a comunicação social que o temia, por invisível, Sócrates é o bode expiatório ideal. Está ausente, não pode falar sem provocar mais ruído que o já criado, dedica-se a coisas aparentemente esotéricas como a filosofia política, os seus apoiantes reduzidos a um quadrado defensivo. Ainda por cima, o partido que dirigiu com mão forte durante meia dúzia de anos esteve longe de se

dispor a defendê-lo, com isso deixando-se também cair num fojo. Os sinais recentes de reunião podem aqui ajudar ao exorcismo clarificador. Até que tal suceda, os clarins da direita infrene espreitam a mais ténue imagem, escutam o mais vago rumor de movimento do visado.

Certamente não deixariam passar em claro que o seu antigo e temido adversário de estimação emergisse da clandestinidade. O que quer que fosse o que fizesse, o emprego que aceitasse ou a que aspirasse, tudo seria objecto de inquisitória perseguição sob a forma de suposta investigação jornalística. Acontece que Sócrates aceitou funções de representação internacional de um laboratório suíço intervindo na área do sangue e seus derivados, com a reserva de o trabalho ser fora do país. Toda a sanha se projectou sobre o desempenho dessa empresa, entre nós, no

tempo de Sócrates. Descobriu-se, pasme-se, que a empresa era um dos poucos fornecedores activos nos concursos centralizados que a Saúde então organizava. A passagem de centralizado a disperso, proposta pelos serviços competentes, parece racional. Mas tendo sido executada no seu tempo, todas as razões são boas para gerar suspeição e insidia. Tal como aconteceria se o processo fosse o oposto: a passagem de concursos descentralizados a centralizados, talvez até com agravada desconfiança.

Faça Sócrates o que fizer, será sempre ele a turvar a água que o lobo pretende beber. Ele ou alguém por ele. A sua única sorte é não ter sido ele tomado como o outro bode, o que sofreu sacrifício imediato. Assim, como refere a antiga cultura, ele foi apenas tocado na cabeça e mandado para o deserto.